

Jacques Fux



Um Labirinto Labiríntico

Biblioteca
Paraná 

Carlos Massa Ratinho Junior

Governador do Estado do Paraná

João Evaristo Debiasi

Secretário da Comunicação Social e da Cultura

Ilana Lerner

Diretora da Biblioteca Pública do Paraná

Coordenador do Prêmio Biblioteca Digital

Omar Godoy

Jurados | Infantil

Juarez Poletto

Marta Moraes da Costa

Preparação editorial

João Lucas Dusi

Revisão

Entrelinhas Editorial

Projeto gráfico e diagramação

Thapcom.com

Ilustrações e capas

Cantalupo

Dados internacionais de catalogação na publicação

Bibliotecário responsável: Bruno José Leonardi - CRB/9 - 1617

Fux, Jacques

Um labirinto labiríntico [livro eletrônico]/ Jacques Fux;
ilustração de Benett - Curitiba, PR : Biblioteca Pública do Paraná,
2020.

45 p. : il. - (Biblioteca Paraná)

“Vencedor do Prêmio Biblioteca Digital – Categoria infantil”

ISBN 978-65-89223-05-4 (e-book)

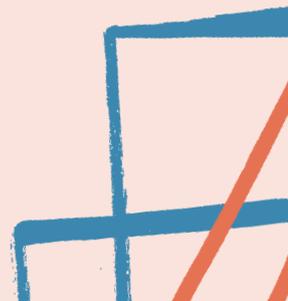
PDF

1. Literatura infantojuvenil. I. Biblioteca Pública do Paraná.
II. Benett. III. Título.

CDD (22ª ed.)
028.5

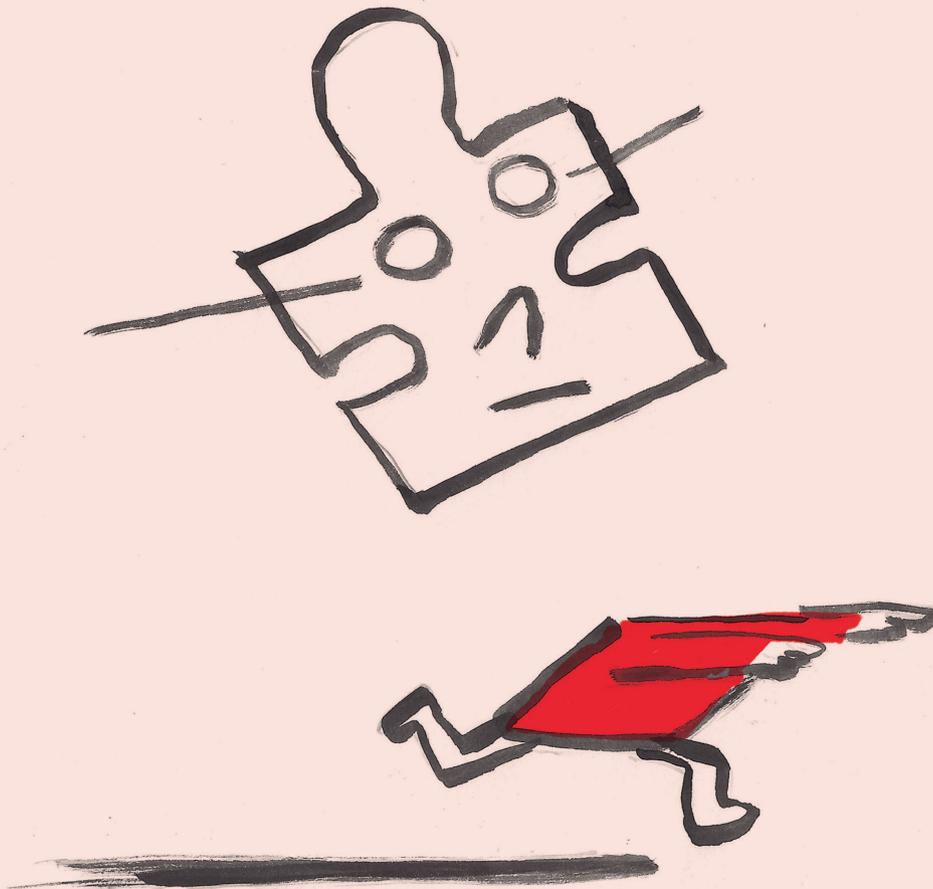
UM LABIRINTO LABIRÍNTICO

Jacques Fux



De repente, como num susto, num solução ou num sonho, o menino detetive se viu totalmente perdido em um labirinto.

Mas não era um labirinto qualquer. Era um labirinto labiríntico.



Como sairia dali? Não tinha nem ideia.

O detetive menino (é o mesmo que menino detetive?) não viu placas mostrando o melhor caminho a tomar, não viu marcas no chão com dicas ou sugestões e não viu nem paredes nem muros para pular. Muito menos havia alguém sentado em um guichê de desinformações para ajudá-lo.

Só havia um quebra-cabeça misterioso.

Do lado de fora da caixa do quebra-cabeça havia um desenho intrigante.

Detetivesco, o menino olhou mais de perto e percebeu que era a imagem do mundo inteiro. Com todos os animais, árvores, nuvens, ninhos, flores, folhas, livros e seres humanos.

Prestou bastante atenção e percebeu que a imagem continha também o mundo do passado e o mundo do futuro. Uau!

Tudo o que ele tinha aprendido e ouvido falar da história, e tudo o que imaginava e sonhava do destino estava representado naquela imagem.

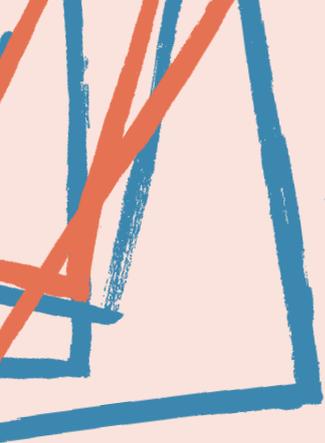
Que fantástico, pensou.

Mas o mais fantástico ainda estava por vir.

Entre um piscar e outro, entre um respiro e um suspiro, no breve estalar de um dedo, reparou que nessa imagem havia algo mais.

Bem na caixa desse quebra-cabeça ele viu a figura de um menino investigador (ou de um investigador menino?) olhando para uma caixa de quebra-cabeça.

E, assustado, percebeu que era ele próprio!



Como tudo parecia um sonho, tentou acordar dando um beliscão forte na própria orelha. Estranhamente, o que doeu foi o seu joelho esquerdo.

Soltou um grito alto, porém, nem ele nem o vizinho imaginário despertaram.

Então, o investigativo menino concluiu que não era um sonho.

Vasculhou o manual de instruções, e descobriu que para sair dali tinha que montar esse quebra-cabeça que representava o mundo inteiro. Aquilo era um simulacro! Um portal que deveria cruzar para voltar ao seu lar.

O menino perito abriu a caixa com muito cuidado para não perder nenhuma peça. E se surpreendeu com o que viu.

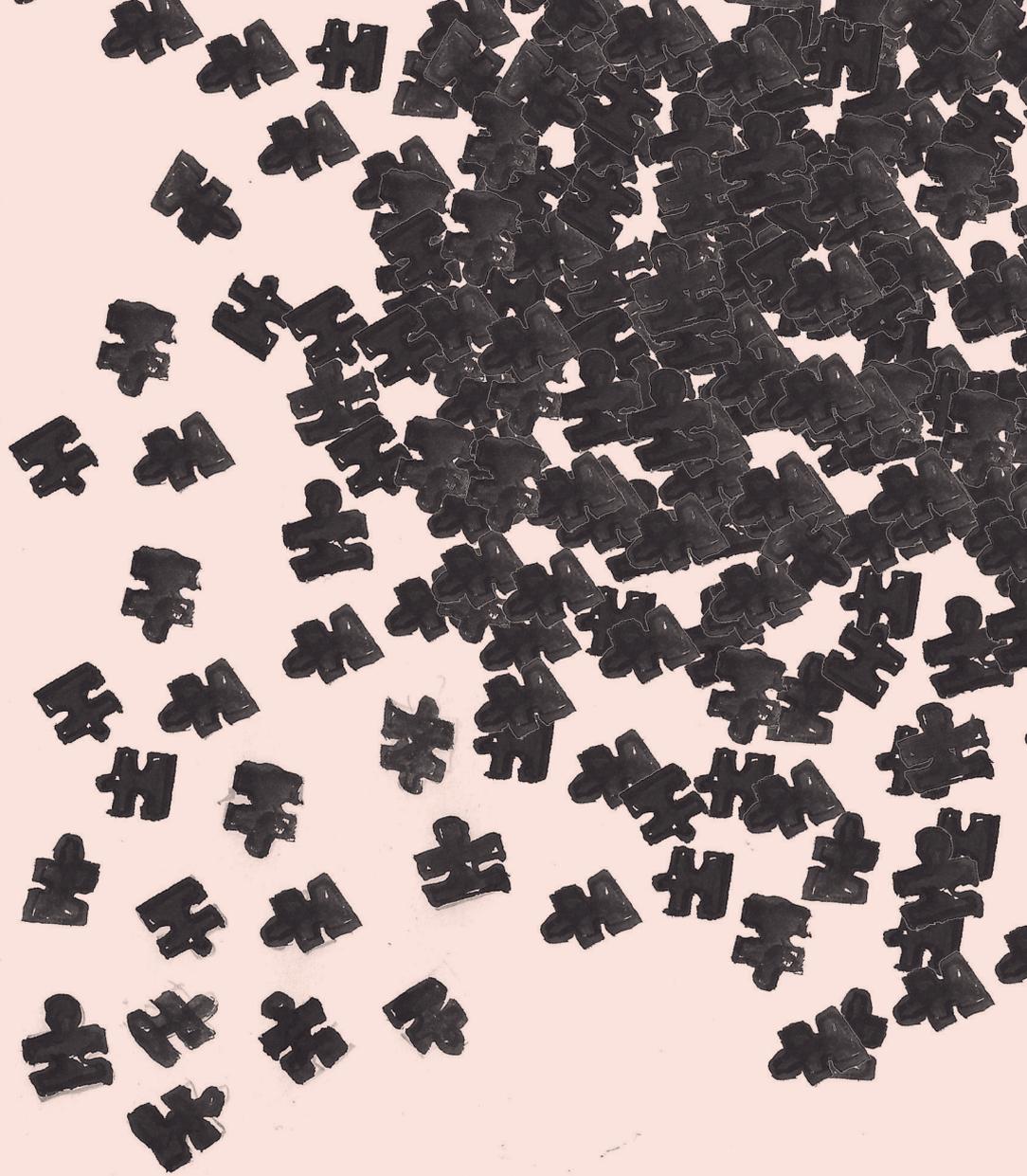
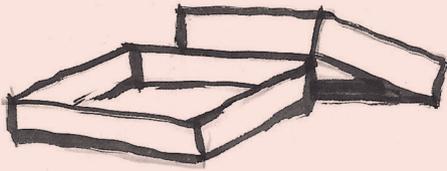
Era um quebra-cabeça infinito.

Coçou a orelha beliscada e pensou no tanto de tempo que iria demorar para montá-lo. E no tanto de trabalho. E se ele errasse algum encaixe? Ia ter que começar tudo de novo? Ficou cansado antes mesmo de começar.

E, para piorar, viu que havia apenas peças pretas. Totalmente pretas. Será que alguém, algum dia, mesmo em sonhos (o que não era seu caso), já havia conseguido montar um quebra-cabeça assim?

Encontrou outra dica do fabricante: “Para conseguir montar o quebra-cabeça e sair do labirinto labiríntico é preciso descobrir o nome secreto que deu origem ao universo”.





Puxa, que complicação! Como ele ia descobrir algo sobre isso?

Ele não tinha comparecido na inauguração do universo quando certamente mencionaram esse nome. Também, nunca escutou nenhum segredo, fofoca, nem recebeu mensagem, torpedo ou um telefonema com ou sem fio.

Montar esse quebra-cabeça parecia tão difícil quanto voar sem imaginação, sem asas, sem hélices, sem vassouras e sem tapetes mágicos.

Suspirou fundo e refletiu: sair daqui vai ser um problema.



Mas, mesmo com tantas atrapalhões, respirou aliviado. Pelo menos, esse quebra-cabeça não quebra verdadeiramente nenhuma cabeça! Ufa, que sorte.

Ele gostava, e não era pouco, de ter a própria cabeça colada e intacta sobre o pescoço e os ombros.

Ele gostava, e não era pouco, de cabecear uma bola, de colocar um chapéu de detetive e uns óculos de disfarce sem ficar preocupado em perder ou quebrar a cabeça.

Nem a razão.

Porém, por via das dúvidas, conferiu se a cabeça estava mesmo no devido lugar.



Continuou calmo. Afinal, se o problema tem solução, um dia ele, o perito investigador, vai acabar montando esse quebra-cabeça. E se o problema não tem solução, então nada a fazer. Nem ele vai conseguir desvendar esse mistério.

Pronto, tudo *desresolvido!*

Voltou a olhar a imagem na caixa do quebra-cabeça. Percebeu que o menino investigador da capa da caixa estava chupando picolé e observando a própria caixa de um quebra-cabeça.

De repente, apareceu um picolé a sua frente. Obviamente começou a chupá-lo.

Foi quando se lembrou de que estava apavorado! Não, não era por conta do labirinto labiríntico, nem por conta do quebra-cabeça.

Ele estava assim, pois percebeu a sua falta de ar, o seu suor e a dor no pé esquerdo.

O menino detetive estava apavorado porque, quando despencou no labirinto, teve que fugir de um tigre que o perseguia!



Sim! Sim! Um tigre lindo, forte e com listras quase falantes. E de bigode, claro.

O menino tinha ficado apavorado, pois sentiu o bigode do tigre esfregando em seu sovaco. Tinha começado a gargalhar, mas se deu conta de que não era uma pena que lhe fazia cócegas.

Mas o bigode grisalho de um tigre!





E era um tigre com dentes moles e rugido desafinado. E, apesar de aparentar tranquilidade, ainda não era um tigre de bengalas.

Azar do tigre ou azar dele não usar bengalas?

Ficou sem saber. Talvez, num próximo encontro entre eles, os dois estejam amparados por bengalas.

O astuto menino percebeu que as listras do tigre eram fascinantes. Quando começou a admirá-las com encanto se lembrou de que estava apavorado!

Abraçou o seu quebra-cabeça e continuou apavorado e correndo.



De repente — esta história é cheia de “de repente” —, quando seu picolé já tinha derretido e melecado toda a sua roupa e o tigre tinha tirado uma soneca porque o sol estava forte, ele encontrou um livro.

Um livro misterioso próprio para um astuto menino.

Decidiu abri-lo em qualquer página. E qual não foi sua surpresa quando se deparou justamente com o capítulo: “O menino astuto no labirinto labiríntico”.

Começou a ler e descobriu que o livro falava de sua própria história! Como aquilo era possível? Até as figuras mostravam ele correndo de um tigre com listras maravilhosas, tomando picolé (e todo melado) e encontrando um livro.

Mas, por mais que aquilo parecesse estranho, o perspicaz menino já estava se acostumando. Afinal, eram tantas coisas incomuns que uma a mais ou uma a menos não faria tanta diferença.

Resolveu procurar por outro capítulo. Notou que as folhas do livro nunca se acabavam.

Pior: entre uma página e outra havia um montão de outras páginas. Sempre. Tentou voltar ao capítulo “O menino astuto no labirinto labirântico”, mas não conseguiu encontrá-lo.

Tudo bem. Melhor ler outra história, pensou.



Encontrou uma chamada “O menino sagaz e o tigre no labirinto labiríntico”. Começou a ler. Era a história de um tigre lindo, forte e com listras quase falantes. E de bigode, claro!

Contava que o tigre tinha sido criado junto com o universo. Isso tinha sido há tanto tempo, tanto tempo, tanto tempo, tanto tempo, tanto tempo, tanto tempo (no livro misterioso, havia milhares de páginas apenas com “tanto tempo” escrito), que nem dava para imaginar e sequer contar.

Milhões de páginas para a frente, o livro dizia que o tigre havia sido esculpido do barro, modelado com carinho e pintado com perfeição e dedicação. E que, “de repente”, deu um bocejo alto, espreguiçou e resolveu sair engatinhando pelo labirinto labiríntico.

E milhões e milhões de anos depois encontrou um ardiloso menino.

Leu também que o tigre era o guardião do nome secreto do universo! Isso poderia ajudá-lo a montar o quebra-cabeça e sair dali.

Mas o menino ardiloso percebeu que o tigre não carregava nenhuma bolsa, carteira, mochila, mala, nem uma sacola mágica. Onde é que ele guardava esse nome secreto?



Antes de concluir o pensamento, o esperto menino se assustou com a imagem que apareceu no livro mágico.

A figura mostrava um menino esperto sentado lendo um livro misterioso. Até aí tudo bem, pensou, afinal já tinha desvendado o mistério do livro misterioso.

Mas, bem atrás do menino esperto, aparecia a imagem de um tigre com as mãos na cintura pronto para dar o bote!

Então ele olhou para trás e nem se assustou mais ao ver o tigre (ele já tinha se assustado quando viu a figura no livro) com as mãos na cintura.

Era um tigre ainda sem bengala e prontinho para dar o bote!

E já que o tigre estava pronto para dar o bote, então o artificioso menino aceitou o presente!

Os dois entraram no bote — “primeiro você”, “não, não, não, primeiro você, Seu Tigre, faça questão”, e, de repente, saíram de bote navegando pelo oceano do labirinto labiríntico.



Ficaram lá um bom tempo sem fazer nada, só descansando. O menino artificioso tentou puxar conversa para saber qual seria esse nome secreto, mas o tigre não disse nada.

Deitado de um lado do bote, o tigre pediu ao menino que lhe contasse uma história desse livro que carregava.

O astucioso menino abriu o livro e encontrou o capítulo “O tigre e o menino astucioso dentro do bote”.

Começou a ler em voz alta. Contava a história de um tigre que tinha sido criado junto com o universo e que participava da inauguração do mundo.

Falava que o tigre tinha estado primeiro nos oceanos e depois na companhia dos dinossauros. Depois havia convivido com os homens das cavernas, os homens das florestas, os homens das casas e dos apartamentos, os homens do espaço, os homens de outros planetas e, por fim, os planetas sem os homens.

E, de repente, o tigre aparecia sozinho num labirinto labiríntico com um quebra-cabeça. Até um inteligente menino aparecer.

Também dizia que o tigre guardava um grande segredo.

Isso o menino inteligente já sabia.





Na hora de perguntar para o Seu Tigre como tinha sido viver nessa vizinhança, se dava confusão, se colocavam música alta no domingo ou se faziam muito barulho lá nos outros planetas, reparou que a imagem do livro mostrava um hábil menino com um tigre num bote afundando.

Nem ficou surpreso quando reparou um buraco no bote bem debaixo do seu nariz e do bigode do tigre.

O menino pegou o livro, o quebra-cabeça e subiu logo no ombro do amigo. Concluiu que, se o tigre tinha vivido desde o início do universo até agora, com certeza saberia nadar.

E então eles começaram a boiar pelo labirinto labiríntico aquático.

De repente, uma baleia começou a acompanhá-los na viagem. As baleias, assim como os tigres, estiveram presentes na festa de inauguração do universo.

O menino abriu o livro e começou a contar uma história para eles. Era o capítulo: “A baleia, o tigre e o arguto menino no bote”.

Falava do segredo das baleias. Que elas viviam desde o início do universo. Que se comunicavam cantando e ninguém as entendia, porque haviam desvendado o nome secreto do universo.

Era um canto lindo, alto, ouvido em todas as partes do mundo.

O menino arguto fez um esforço e começou a tomar nota das notas do canto da baleia. Queria descobrir alguma letra do nome secreto. Algo que pudesse ajudá-lo a montar o quebra-cabeça.

No fim da página do livro misterioso estava escrito: “Aprenda a linguagem das baleias na próxima página”.

O menino ficou ansioso para aprender essa nova língua e, quem sabe, desvendar o nome secreto. Mas, quando foi procurar a próxima página, lembrou-se de que entre uma página e outra havia um montão de outras páginas.

Começou a passá-las rapidamente para saber a linguagem e o mistério das baleias, mas acabou encontrando uma figura de uma baleia, um tigre e um sabido menino todos dentro de um mar que se secava.



De repente, reparou que no fundo do mar havia um grande buraco por onde escorria todo o oceano.

Despediram-se da baleia e se viram no meio de um deserto desértico.

De qual labirinto seria mais difícil sair? Do labiríntico ou do desértico? Ou seriam o mesmo?

Antes da despedida, o engenhoso menino reparou que o escoadouro gigante que levou a baleia buraco abaixo, ao invés de circular, como sempre tinha reparado, era em formato de um 'L'.

Muito, muito interessante, pensou. Isso só pode ser uma dica!



Começaram a correr de novo, agora pelo deserto desértico. O tigre atrás do menino, e o menino atrás do tigre. Ou seria o tigre na frente do menino, e o menino na frente do tigre?

Enfim, para não terem dúvida de quem corria na frente ou atrás de quem, o menino e o tigre começaram a correr também em torno do próprio eixo. Assim, algumas vezes corriam atrás do outro. Outras vezes, na frente.

Tudo *desresolvido!*

O problema disso é que ficaram tontos. E muito atrapalhados.

Mas, por serem atléticos e ligeiros, e correrem em círculos cilíndricos, de repente — como disse, esta história é repleta de “de repente” —, formou-se um redemoinho redemoníaco!

E quando surge um redemoinho redemoníaco, que sempre esteve aqui desde a origem do universo, algo surpreendente acontece.

Dito e feito (ou seria feito e dito?): os dois começaram a voar!



O tigre e o menino sagaz acharam que voariam por todo o deserto. Que conheceriam outras dunas, montanhas e, quem sabe, até areias pintadas de outras cores. Mas nada disso.

Aquele redemoinho redemoníaco só os levava de baixo para cima e de cima para baixo. Uma montanha-russa bem sem graça, pensou o sagaz menino.

Porém, o menino era esperto! Aquele redemoinho redemoníaco formava uma imagem. A imagem de um grande cilindro. E como o menino buscava dicas do nome secreto, ele percebeu que representava uma letra.

Abriu o livro misterioso e encontrou o capítulo: “O tigre e o menino astucioso no redemoinho redemoníaco”. A figura chamou a sua atenção: o redemoinho formava uma letra “I”.

Tomou nota.

E a figura ainda mostrava um astucioso menino anotando a letra “I” em uma das páginas do livro enquanto olhava um menino e um tigre em um redemoinho redemoníaco!

Esse livro misterioso é extremamente atualizado, pensou! Um *update* constante!

De repente, o redemoníaco redemoinho ficou sem ar (que canseira ficar girando tanto tempo) e os dois foram largados no meio do desértico deserto.

Pensaram em voltar a correr, agora exclusivamente para manter a forma física, mas ficaram assustados.

Uma inesperada visita os encarava com um pescoço pescosônico!

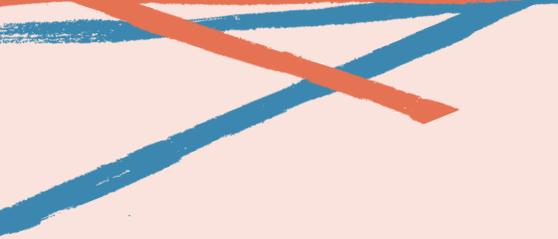


Era uma cobra! Uma cobra milenar. Uma cobra que também esteve na festa de inauguração do universo.

Deu logo para notar que não era uma cobra qualquer. Era uma cobra famosa, requintada, renomada e com um pescosônico pescoço.

Falava várias línguas, conhecia vários gingados e era comentada aos quatro ventos. Não à toa que foram os ex-ventos do redemoinho redemoníaco que os deixou aos cuidados da Dona Cobra.





O tigre e o atinado menino ficaram aguardando um convite da cobra para tomarem um chá com a também pescoçuda Alice, ou para comerem uma maçã com os célebres Adão e Eva ou para uma viagem com o Ex-Pequeno Príncipe.

Mas não rolou nenhum desses convites.

Sabe o que aconteceu? A rebolante cobra os tirou para dançar!

E o tigre adorou esse convite. E surpreendeu a todos! Era um dançarino nato. Fazia passos ensaiados, coreografias antigas e modernas, e até lhes ensinou o passinho patinha do tigre: um giro girante equilibrado em uma das patas! Sensacional.

Como o menino não sabia dançar, resolveu abrir o livro em busca de ajuda. Ficou encucado com o errinho que encontrou no capítulo: “DanSando com a cobra”, porém, reparou que o “S” da palavra era a própria rebolante cobra dançando!

Que genial esse livro, pensou. Agora ele podia “danSar” a coreografia da cobra junto com os amigos.

Depois de ficar com o pescoço, as costas e até a orelha doendo (esse negócio de remexer em forma de “S” exigiu bastante da sua criatividade física), entendeu que aquilo era, sem dúvidas, mais uma dica.

Desta vez anotou a letra ‘S’ e reparou que a imagem do livro mostrava um menino observando um menino danSando com a cobra rebolante e com o tigre!

Até agora, o menino tinha anotado três letras! “L, I, S”. Será que era o nome de alguém?

Quando começou a pensar sobre o assunto, de repente — agora o “de repente” nem é mais tão “de repente” assim — uma tartaruga de bengala com bigode e óculos apareceu para eles no deserto desértico.

A tartaruga, que não por acaso se chamava Lis, tinha estado na famosa festa de inauguração do universo.

E tinha sido ela, por muito tempo, que carregava o mundo nas costas. Por isso, o casco era tão duro e resistente. E também por isso a casa dela era dentro do próprio casco.

Para a surpresa do tigre e do talentoso menino, a Lis, que parecia não ter muito tempo para dançar, andar de bote, correr, rodopiar, tomou o livro das mãos do menino, abriu justamente no capítulo: “A tartaruga que sustenta o mundo” e de um “tchau” para eles.

O menino ficou olhando sem compreender, mas Lis, sem muita paciência, escreveu um “tchau” com letras grandes — que também apareciam no livro — e pintou o “T” com uma cor bem diferente.

Uma cor de tartaruga.

O menino tomou nota desse “T” e “de repente”...

Um elefante surgiu! Puxa, que história mais curiosa!

Mas, para um detetivesco menino tudo faz sentido. Tudo tem sua razão. Ele estava cada vez mais atento aos pequenos detalhes.

O elefante também tinha estado naquele festão da origem do universo e, durante muito tempo, carregou a Lis e o resto do mundo nas costas.

Que dor na cacunda!

E já que havia sustentado tanto peso, o menino e o tigre subiram logo no elefante e foram dar um passeio pelo labirinto labiríntico do deserto desértico.



Mas o que eles não sabiam era do poder do rabo do elefante. O rabo começou a girar, girar, girar numa velocidade tão grande e supersônica que voaram!

Foi um voo rápido até alcançarem um passado imaginário. E se depararem com um labirinto famoso.

O Labirinto de Creta!

Mas o elefante era fanho! E só conseguia pronunciar: “Bem-vindos ao Labirinto de RRRReta”. “RRRRReta”. Por mais que tentasse, falava sempre “RRRRRRReta”.

O menino achou aquilo bem curioso. Anotou em seu livro mais uma letra. O “R”.

O tigre e o menino detetive ficaram em pânico! O Labirinto de Creta era tão famoso porque nele se escondia uma figura assustadora.

O Minotauro Meliante! Um homem com corpo de touro ou seria um touro com corpo de homem!?

Enquanto aguardavam não tão ansiosos assim pelo encontro e pela batalha épica com o Meliante Minotauro, o investigador menino se pôs a pensar.

Tinha consigo as letras “L, I, S, T, R”. O que significariam? Se ele desvendasse logo esse mistério, poderia montar o quebra-cabeça e fugir dali.

Tentou procurar no livro misterioso o capítulo sobre o Minotauro Malandro. Encontrou “O Malandro Minotauro devora o menino investigador e o tigre”.

Puxa, mesmo com tanta fome, aquele picolé fora tudo o que tinha comido nessa jornada, ele não queria ser devorado.

Novamente perguntou para o tigre qual era o nome secreto. O tigre, apavorado com a chegada do Minotauro Meliante Malandro, e também sem vontade de ser comida de touro homem ou de homem touro, resolveu falar tudo o que sabia.

Falou que na inauguração do universo todos comentavam do nome secreto. Mas que ninguém sabia qual era. Que era pura fofoca.

Porém, quando ele adormeceu na festa, alguém o encarregou de ser o mensageiro desse nome mais que secreto!

Quando o menino investigador começou a ir cada vez mais a fundo no problema e também na areia (ele estava tentando se esconder), avistaram o nada malandro Minotauro!

E o Minotauro Malabarista não estava com cara de que queria fazer novos amigos para o seu circo.

Ele chegou chegando e começou a gritar “AAAAAAAAAAAA”...

Mas acabou espirrando! E espirrando muitas vezes, dando mais um tempinho para o tigre e o inteligente menino.



O tigre e o menino começaram a pensar em voz alta! Se o tigre era o mensageiro, algo nele teria que ter sido preservado desde o início dos tempos. Algo nele nunca teria se apagado, mudado, nem se transformado.

Com certeza não era o bigode. Tampouco eram as unhas, as patas, os olhos, o caminhar. Nem o passinho patinha do tigre. Muito menos a bengala que só usariam no futuro.

Ouviram de novo: “AAAAAAAAAAA” e mais um espirro! E foi quando, de repente, o menino pegou a dica do “A”, juntou os pontos e as letras e escreveu: LISTRA!

Sim! Eram as LISTRAS do tigre que nunca se apagaram nem se transformaram ao longo dos milênios!

O nome secreto estava ali gravado, tatuado, eternizado!

Então o menino detetivesco, sagaz, astuto, arguto, hábil, inteligente, talentoso se pôs a decifrar as listras do tigre.

O tigre rolava de um lado para o outro para que o detetivesco, sagaz, astuto, arguto, hábil, inteligente, talentoso menino desvendasse seu mistério!

Mas ele tinha que correr! O Maligno Minotauro já tinha limpado o nariz, afiado o chifre, alisado o cabelo e estava prontinho para comer o tigre e o menino.



Antes de ser abocanhado pelo Minotauro Minotouro, o menino escritor abriu novamente o seu livro misterioso!

Esse espetacular e fascinante objeto, que contém infinitas histórias, viagens, enigmas, segredos, encontros, magias.

Esse objeto que agora estava em branco, pronto para criar outras histórias.

O escritor menino não permitiu que o Minotauro Metido comesse ele e seu amigo tigre. Reescreveu a história!

Ele então desvendou o nome secreto do universo (mas, infelizmente, não me contou) e mandou o Metido Minotauro de volta para o seu Labirinto de Creta!

Abraçou o seu amigo tigre, ambos com lágrimas nos olhos de medo e de alegria, e disse que em breve fariam novas e fascinantes jornadas!

Então o escritor começou a montar o quebra-cabeça infinito para o seu próximo livro que é um labirinto labiríntico!





FIM



Vencedor
na categoria
INFANTIL

